

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Márcia Mesquita da Rosa Gonçalves

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
(De)Form(ação)?

Porto Alegre
2º Semestre
2011

Márcia Mesquita da Rosa Gonçalves

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
(De)Form(ação)?

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

*Orientadora: Professora
Carmen Lucia Bezerra Machado*

Porto Alegre
2º semestre
2011

Dedico este trabalho de conclusão da graduação ao meu filho amado, aos meus pais, aos meus irmãos, ao meu cunhado e minha cunhada, e amigos e amigas, enfim a todos que incentivaram e contribuíram para os meus escritos serem realizados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para realizar deste trabalho de conclusão de curso, mesmo que indiretamente.

Aos meus pais Marleni Terezinha Cardoso de Mesquita e Assis Kullmann da Rosa, por acreditar no meu potencial, e sempre incentivarem o meu crescer.

Ao meu filho, Axel da Rosa Gonçalves, pela paciência, amor e compreensão pela minha ausência, sendo necessária para realizar os meus escritos.

A minha avó Antonieta, pela sua determinação e vigor em relação a vida. Pelo amor e dedicação que sempre esteve presente em nossa relação.

Aos meus irmãos Fabiano e Cláudia, que de uma forma ou de outra contribuíram minha vida, e conseqüentemente no meu trabalho.

A minha cunhada pela dedicação e paciência. Ao meu cunhado por ajudar de uma forma ou de outra.

Aos amigos e colegas da UFRGS, nos trabalhos realizados, cafés no Bar do Antônio, conversar nos corredores e no xerox, a amizade é uma grande aliada na vida acadêmica.

As amigas e amigos da Escola Infantil Vovó Aninha, por todos os apios e conversas, que somente engrandeceram meu trabalho, mesmo que em algumas vezes indiretamente.

As amigas e colegas da Escola Henrique Farjat, pela confiança e credibilidade em meus ideais pela educação.

A minha orientadora Carmen Lúcia Bezerra Machado, pela paciência e credibilidade, e confiança em meus pensamentos, obrigada por tudo.



Parafrazeando FREIRE:

Em uma comunidade pobre a gente também aprende.¹

Teu planejamento está perfeito, mas(...) não condiz com a realidade
dos alunos desta escola...
(Vice Diretora da Escola observada)

O pensar, o refletir, o questionar, independe do lugar físico.

A ação está no ser humano, no seu modo de agir.

¹ Trago a imagem da estrada de chão batido que leva a uma das escolas em que fiz as observações – fica em um bairro rural da cidade de Porto Alegre, a frase da Vice-Direta da Escola e também as minhas frases para refletirmos sobre as pessoas que se constituem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sobre o local em que está inserida a Instituição de Ensino e a relação direta do ambiente escolar com a postura do profissional que trabalha na EJA. Nela, de pés no chão, também se aprende.

ESPERANÇA

Lá bem no alto do décimo segundo andar
do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E
— ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente
incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
— Como é teu nome, meninazinha de
olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que
não esqueçam:
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Mario Quintana

RESUMO

Fruto de minhas inquietações com o exercício da docência na Educação de Jovens e Adultos (EJA), este trabalho – acerca do docente no ambiente escolar e da articulação dos conteúdos, objetivos, metodologias e recursos utilizados – tem como objetivo analisar e refletir sobre a formação de professores de EJA, e seu modo de interação com discentes. A teoria de FREIRE sustenta a pesquisa com três turmas de alfabetização de jovens e adultos, Totalidade 1, de escolas da Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre. Observações das atividades, falas e posturas dos presentes nas salas de aula, entrevistas semi-estruturadas com Docentes, coleta de registros e materiais utilizados em aula, transcrição das entrevistas e digitalização, no estudo exploratório faz um ir e vir entre os conceitos, a história da EJA e as implicações dos Docentes nos discentes. Ressalta a valia dos conhecimentos da formação inicial. Nem todos os profissionais egressos da academia irão, na prática, fazer trabalhos que condizem com a realidade dos discentes da modalidade, promovendo aulas críticas e dialógicas, mas elas são inéditos viáveis e existem.

Palavras-chave: Formação de professores, EJA, prática educativa.

SUMÁRIO

1	O PORQUÊ PESQUISAR A EJA: MOBILIZAÇÕES.....	8
1.1	A CAMINHADA: SOMOS FRUTOS DE NOSSOS PASSOS.....	8
2	SEM ENTENDER O PASSADO NÃO COMPREENDEMOS O FUTURO	12
2.1	BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	12
2.2	E NO RIO GRANDE DO SUL?.....	15
2.3	ALGUNS MOVIMENTOS.....	17
2.4	AS LEIS, HOJE, AMPARAM A EJA?.....	23
3	O QUE ESTÁ POR TRÁS DA CORTINA.....	26
4	A REVOLUÇÃO DOS BICHOS.....	35
5	UM PRÉVIO RESULTADO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	ANEXO A.....	40
	APÊNDICE.....	41

1 O PORQUÊ PESQUISAR A EJA: MOBILIZAÇÕES

*Tem que dar atividades que os
infantilizem!
Eles gostam!
(professora)*

1.1 A CAMINHADA: SOMOS FRUTOS DE NOSSOS PASSOS

Hoje percebo que escolhi ser educadora² para reparar o que ocorreu comigo quando aluna de Ensino Fundamental e Ensino Médio, na época chamados 1º Grau e 2º Grau, pois foram poucas as professoras³ que realmente me ensinaram. Elas somente passaram em minha vida.

Sou filha de professora⁴ e não queria ser “igual” a minha mãe. Contudo, resolvi ser educadora depois de alguns anos ter concluído o antigo Segundo Grau, em técnico em Contabilidade. No ano de 2000, resolvi prestar prova para ingressar no Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha e me profissionalizar como professora das séries iniciais. Já havia concluído o Ensino Médio, aproveitei as matérias, realizando somente as que pertenciam ao currículo do Magistério. Contudo, não o fiz em menos tempo, conclui em 4 anos e meio. Na época meu filho, tinha 4 anos de idade e eu não tinha com quem deixá-lo a noite. Tive, portanto, que ir, em alguns dias, somente para um período. Eu estudava, no turno da manhã e nesse período meu filho ficava em uma Escola de Educação Infantil.

Conclui o Magistério e iniciei no ano seguinte a trabalhar como professora em uma Escola de Educação Infantil. Trabalhei por 3 anos, de 2005 à 2008. Vivenciei

² Educadora que me refiro, não é simplesmente uma profissional, mas sim um todo. Uma pessoa que se importa, não somente com os conteúdos, com a grade curricular, mas com o ser ao qual esta educando, ele na sua integridade. Irei ao longo dos meus escritos citar “educadora”, neste sentido.

³ Professora a qual me refiro, são as pessoas preocupadas somente com os conteúdos programáticos, conteúdos fechados, em uma linha linear e cartesiana. Não se preocupando com cada indivíduo que está a sua frente, sem perceber as peculiaridades, com diversos níveis de aprendizagens e dificuldades. Não desmerecendo a profissão em si.

⁴ Professora neste contexto refere-se à profissional.

experiências me realizando a cada dia que passava, envolvendo-me em projetos com os alunos e a escola.

Coordenava, juntamente, com uma colega, todas as programações, eventos e atividades que a escola proporcionava. Foram momentos gratificantes e enriquecedores para a minha vida, tanto profissional como pessoal. Lá encontrei amigos, dentre eles, a Diretora e o Diretor da Instituição. Esses formam um casal que juntos administram a escola. Até os dias de hoje, mantemos contato.

Ainda trabalhando nessa Instituição de ensino, ingressei na UFRGS, no ano de 2007, no segundo semestre. Ao procurar a formação acadêmica, eu tinha planejado: “ao término dos quatro anos, irei ministrar aulas para o Ensino Médio – Nível Magistério”, pois tendo preocupação com a formação dos professores, contribuiria com a educação, não diretamente com as crianças, mas com os profissionais que atuam nesse ambiente. Porém, ao ingressar na vida acadêmica, surgiu o interesse na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em como eu poderia contribuir para dar maior visibilidade a este público excluído. Não sabia ao certo o que realmente pesquisaria sobre essa modalidade de ensino, contudo, tinha certeza de que o TCC seria sobre essa temática.

Mas, ao chegar ao estágio, tive a confirmação: vou pesquisar sobre a formação/atuação dos professores da EJA. A professora titular de turma na qual eu estava estagiando contribuiu para a pesquisa significativamente. A sua fala, postura e atitudes diante dos alunos me descontentavam. Enquanto observava, minha esperança era iniciar a prática e poder apresentar maneiras diferentes de aplicar as atividades.

Não havia a necessidade de apresentar um texto da literatura infantil: *UM DOCE SONHO...*, para retirar a palavra: *TELHADO*, e, após, “apresentar” o dígrafo “LH” (ver Anexo A). A professora ao infantilizar os jovens e adultos não percebe o “mal” que está acarretando sobre essas pessoas. Segundo Pinto (2003, p. 60), essa profissional possui uma consciência ingênua como um ponto de partida absoluto, acreditando que suas ideias são próprias e não que provenham da realidade escolar. Sendo um sistema de ideias que se cria por si mesmo.

Ah, escreve o que a tua orientadora quer, e faz estes tipos de exercícios. Assim, a gente contempla os alunos.
(professora)

As frases de uma professora da rede pública de ensino, formada em Pedagogia afirmam que há uma necessidade de aplicar atividades infantis para os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Essas frases que escutei no meu estágio de docência foram responsáveis pelas inquietações e motivaram estes escritos, enfim, esta pesquisa.

Refletir sobre a formação/atuação Docente, mais especificamente na modalidade de EJA, significa analisar as práticas educativas utilizadas na docência, para tentar entender quais os motivos levam esses profissionais a agir em suas salas de aulas aplicando atividades que infantilizem os jovens e adultos. De acordo com Ferreira (2008, p. 137), a formação/atuação dos profissionais desta modalidade de ensino deve estar ligada à luta política, ao reconhecimento da EJA e sua importância em nossa sociedade, pois, dessa forma, tornaremos esses estudantes críticos e visionários de seus ideais, como Freire propôs para uma Educação de Jovens e Adultos.

Qual a visão dos professores a respeito de jovens e adultos que já foram excluídos da sala de aula? Esses profissionais, ao não falarem do e sobre o mundo dos seus educandos, percebem as consequências dessa atitude? Concebem a realidade dos educadores e educandos e o que representam no contexto escolar?

A amplitude de suas atitudes como tal precisa ultrapassar as barreiras e ir além. Além dos muros da escola, e sair para fora, para o mundo. Nessa concepção fechada, de não falar sobre o mundo que nos envolve – já que tanto os alunos e as alunas como as professoras e os professores ficam em caixas, presos/as, como se fossem formigas num formigueiro, ou como se usassem viseiras que não lhes permitisse enxergar um outro mundo possível. Como Freire inúmeras vezes falou – questiono: as professoras percebem o valor político que a sua atitude representa dentro do ambiente escolar? E as suas falas e atividades partem das realidades, sem infantilizar alunos alunas? Ampliar os “horizontes”? Sim, com conteúdos, mas não somente com estes.

Freire mostrou que não precisa “ensinar”: *O COELHINHO É FOFINHO*, para ensinar o dígrafo. Além de que, o coelho nem sempre é “fofinho”. Essa questão nem é lembrada em aula e a atividade tem como objetivo apenas aprender o dígrafo “NH”, ir além para quê? Na realidade essas profissionais não percebem o seu real valor em sala de aula e por isso agem dessa forma, pois não “aprenderam” outra. Será que somente a formação/atuação dessas Docentes deve ser levada em consideração ao falarmos de Educadores da EJA? Não existiriam outros fatores que contribuem para tal, como a concepção de vida dessas profissionais, em suma, a sua práxis⁵?

Algumas situações observadas durante o 6º e o 7º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – sendo respectivamente, na atividade de Miniprática e no Estágio de Docência, ambas obrigatórias, como sendo as possíveis ou prováveis situações que levam as educadoras a tomarem um ou outro posicionamento em suas salas de aula – serão analisadas. Três profissionais foram observadas e duas delas entrevistadas. Estão identificadas pelos números de 1 a 3 na sequência em que estão apresentadas a seguir: uma docente graduada na Uniritter, com 10 anos de atuação como professora de séries iniciais e um ano na modalidade EJA (Docente 1); outra em seu estágio de graduação na UFRGS (Docente 2) e, por último, uma com o curso de magistério e com seis anos de docência em EJA (Docente 3). Fiz entrevistas semi-estruturadas com duas destas Docentes. Ao apresentar atividades e falas que foram desenvolvidas em suas aulas durante as observações, tanto das Docentes como dos discentes, as suas diferentes maneiras de atuar, suas atitudes, concepções de vida, o que podem ser as possíveis e diversas formas que refletem em seu agir docente. Portanto, leva-se em consideração o ser humano como um todo, não somente a sua “formação”, sendo acadêmica ou magisterial, para atender os jovens e adultos.

A pesquisa entrelaça minha vida pessoal, minha formação/atuação e a vivência como estagiária. O texto vai num movimento de ir e vir trazendo os elementos, atividades, observações, falas e materiais encontrados no ambiente da EJA.

⁵ De acordo com FREIRE: Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. (2010, p.106)

2 SEM ENTENDER O PASSADO NÃO COMPREENDEMOS O FUTURO

Se hoje somos, agimos, comportamo-nos de um modo ou de outro, precisamos nos transpor aos fatos que ocorreram na história, seja ela mundial, nacional ou regional.

O Brasil foi “inventado” de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos. (FREIRE, 1981, p.35)

Trago essa ideia de Freire para chamar a atenção sobre a educação do nosso país, ela não foi construída ou pensada para o povo, mas sim para uma elite que tinha visões ambiciosas ou visionárias sobre esta nação.

Irei situar brevemente o leitor sobre o contexto histórico que se constitui a Educação de Jovens a Adultos, tendo como principal ponto a formação/atuação dos Docentes que atuavam nessa, hoje, modalidade de ensino. No entanto, não poderei aprofundar, pois o tempo cronológico impede-me de realizar a devida pesquisa.

2.1 BREVE RESUMO DA HISTÓRIA⁶ DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Para podermos compreender a forma como está estruturada a formação de professores na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, nos dias atuais, devemos retroceder até a “descoberta”⁷ de nosso país. A educação no Brasil iniciou com os padres jesuítas, que foram os primeiros professores, com o intuito de “catequizar” os índios, africanos e portugueses que vieram habitar o país, sendo um ensino religioso.

A visão política na nossa sociedade permeou o interesse da minoria, a qual estava no poder. Neste contexto, a educação de adultos não viabilizava o interesse em beneficiar os negros e os indígenas, somente a população branca e masculina. Nesta concepção, os jesuítas foram expulsos no ano de 1759, sendo criada a

⁶ Dados da Tese do professor Raimundo Helvécio de Almeida Aguiar.

⁷ A descoberta que cito, é uma maneira de satirizar, pois os portugueses que aqui chegaram já sabiam que encontrariam terras “novas” para serem exploradas. E foi descoberta por quem? Pois, era habitada por cerca de 6 milhões de índios.

Instituição das aulas régias, aulas avulsas, diferentes das aulas dos jesuítas. Estes passaram a não ser mais importantes como professores.

Com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, houve a criação de Cursos Superiores na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais, pois os nobres moravam neste país. A educação formal no nosso país iniciou com a primeira Constituição brasileira em 1824: “instrução primária e gratuita para **todos** os cidadãos” (grifo meu). Mas nada constava sobre quem seriam os profissionais que iriam atuar com estes cidadãos.

Em 1834 o governo imperial editou o Ato Institucional que passou para as províncias a responsabilidade com a educação primária, não somente para adulto como para as crianças. Mesmo com a vinda de um governo republicano, em 1889, não houve mudanças.

Após 21 anos, o Brasil sendo um país republicano, no ano de 1920, o número de analfabetos era de 72% com idade superior 5 anos. No ano de 1921 foram criadas escolas noturnas para adultos no Rio de Janeiro com duração de um ano. Em 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde, através de reivindicações da população e de educadores. A educação de adultos iniciou um novo processo. Com a Constituição de 1934, foi elaborado o Plano Nacional de Educação que estipulava a obrigatoriedade e a gratuidade para o ensino primário integral, incluindo os adultos.

A Lei Rocha Vaz (ou Reforma João Alves) criou escolas noturnas para os adultos, pois o país precisava de pessoas letradas. Em 1945, através do Decreto 19513, 25% de cada auxílio federal foi destinado para Educação Primária de adolescentes e adultos analfabetos, observados os termos de um plano geral de ensino supletivo.

Com fim de Segunda Guerra Mundial foi criado a Organização das Nações Unidas (ONU) e Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) visando à desigualdade social, foram realizadas conscientizações em todos os países para alfabetizar os adultos. Essas instituições emitiram alertas sobre as desigualdades entre as nações e sobre o papel que a educação teria a desempenhar no desenvolvimento das **nações atrasadas**, dentre as quais o **Brasil** se situava(grifos meus) (AGUIAR, 2001)

Em 1946, foi previsto na Constituição Federal que o ensino seria direito de todos e primário gratuito para todos. O Serviço de Educação de Adultos (SEA)

coordenava os Planos Anuais de Ensino Supletivo para Adolescentes e Adultos Analfabetos, que, em 1947, surgiu com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, que permaneceu até 1950. Em 1952 e 1958, outras campanhas com o mesmo intuito ocorreram, porém com pequena duração.

A educação popular teve origem em 1950 e interrompida em 1964 com o início da Ditadura Militar. Paulo Freire, com um cunho político, propôs uma educação diferenciada criando o Centro Popular de Cultura da UNE (CPC) com o lema: “de pé no chão também se aprende”, em Recife, pois considerava “a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (FREIRE, 1981, p. 19) com essa ideologia, Freire apresentou uma nova maneira de alfabetizar os adultos.

Contudo, em 1964, com o início da ditadura militar que alegava que esses movimentos eram esquerdistas, extinguiu-se essa concepção popular de ensino. Criou-se o Programa Nacional de Alfabetização do MEC, com outra visão na educação, doutrinando para uma visão “pacificadora” sem discussões sobre a vida, que até os dias de hoje perpetua em diversas escolas por diferentes professores. Foi criado, assim, pelos Militares o Movimento Brasileiro (MOBRAL), com a Lei 5379, em 15/12/67. Este movimento tinha como objetivo ensinar o adulto a ler, escrever e realizar cálculos simples. Apesar de utilizar as palavras geradoras que Freire utilizava, não usa os mesmos procedimentos, pois no “Método Freire” as palavras vinham da realidade dos educandos, já no MOBRAL as palavras eram escolhidas pelos organizadores das aulas. Estas não possuíam uma visão crítica do mundo, como Freire priorizava. Com a Ditadura Militar, Freire foi exilado. Fora do Brasil, levou suas teorias para outros países da América Latina e para África, propagando uma educação crítica utilizada até os dias atuais. As aulas do MOBRAL chegaram ao fim juntamente com o fim da ditadura. Transformando-se na Fundação Educar em 1985.

No governo de FHC, a partir de 1995 houve a política educacional: Plano Decenal de Educação para Todos, que tinha como meta a Educação Básica (quatro primeiras séries) para 3,7 milhões de analfabetos e 4,6 milhões de adultos sub escolarizados. (FONSECA. 2008, p. 85)

2.2 E NO RIO GRANDE DO SUL?

Desde 1907, a Escola Eliseu, em Porto Alegre, utilizava orientação anarquista, com princípios das modernas universidades populares e finalidade de oferecer ao operário a formação ideológica, oferecendo cultura, lazer, bem com atividades literárias e artísticas (SOARES, 2006, p. 56).

Com o Circulo de Cultura, na região nordeste, o restante do nosso país também aderiu ao movimento que, segundo Soares (2006, p. 6), visava a uma “educação libertária”. Nessa época, nossa cidade viveu intensas mobilizações políticas com a participação popular a respeito dessa educação. O que consolidou a EJA em Porto Alegre.

Nos anos de 1986 a 1990, durante o Governo Simon, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC) introduziu o “Projeto Ler”, com base no Parecer nº 315/91 do Conselho Estadual de Educação (CEE)/RS.

No governo de Alceu Collares, de 1991 a 1994, a SEDUC implantou o programa “Nenhum Adulto Analfabeto”, no qual quem “educava” era qualquer voluntário que retirava material didático impresso e um vídeo, mediante registro, que as agências do Banrisul e da extinta Caixa Econômica Estadual distribuía. Esse programa ficou estatizado como alfabetização de adultos.

Nos anos de 1995 a 1998, com o Governo de Antonio Brito, a SEDUC gastava a maior parte dos recursos com exames supletivos que ocorriam duas vezes ao ano, exceto no final do mandato, que por escassez de recursos, ocorria apenas uma vez.

O Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA) foi organizado no ano de 1998, no governo de Olívio Dutra. Neste período houve uma preocupação maior com a EJA e foram realizados seminários e formação diferenciada para professores. Contudo, a SEDUC continuou com os exames supletivos.

No ano de 1997 foi criado outro programa alfabetização, voltado para Mulheres, pela Organização Não Governamental Grupo de Estudo sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação (GEEMPA).

A EJA no Rio Grande do Sul é dividida em Cinco regiões, Porto Alegre faz parte da primeira Regional.

Porto Alegre possui setenta escolas de Ensino Fundamental e dessas, trinta e quatro oferecem as séries iniciais. Apenas oito oferecem o Ensino Médio. Somando 195 turmas do Ensino Fundamental e 63 turmas do Ensino Médio, que atendem os Jovens e Adultos.

Atualmente a SEDUC oferece aos jovens e adultos:

* EJA Presencial, autorizada pelo CEE e ofertada por escolas estaduais, regida conforme o Plano de Estudo de cada uma dessas;

* Núcleos de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA), sendo um espaço educativo que oferece exames supletivos fracionados⁸. Cada candidato⁹ recebe um certificado de estudo, mediante avaliação, não necessitando de frequência obrigatória e presencial. O atendimento pode ser individual e/ou coletivo, utilizando recursos de ensino à distância;

*NEEJAs Prisionais, conforme a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, que prevê a assistência educacional, sendo obrigatório do Ensino Fundamental. Cada Coordenadoria Regional Estadual (CRE) deve prover os recursos necessários para essa demanda.

*Programa Nacional da Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), criado em 2009 em parceria com os Centros Federais de Educação Tecnológica e Escolas Técnicas Federais vinculadas às Universidades federais, mantém cursos de EJA.

*Exames Supletivos - Ofertados anualmente pelo Exame Nacional de Certificação de Competência da Educação de Jovens e Adultos (ENCCEJA), tendo uma visão mais construtivista. Em 2007, inscreveram-se 100.616 candidatos, sendo 30.695 no ensino fundamental e 69.921 no ensino médio, incluindo a população carcerária. Destes, 55.000 compareceram no dia da aplicação das provas, obtendo 92,5% de aprovação.

As fontes pesquisadas não fazem referência à formação/atuação Docente para atender Jovens e Adultos, apesar de no último programa acima mencionado, serem citados os alfabetizadores, porém, sem maiores explicações sobre quem eram aquelas pessoas. Os documentos que investiguei até o momento demonstram que a EJA continua sendo assistencialista, e em vários casos não-formal, com

⁸ São determinadas as avaliações conforme as áreas do conhecimento, o aluno pode realizá-las separadamente.

⁹ Como referido no site da SEDUC.

preocupação restrita de a quem atender e de como a estes o ensino oferecer. Contudo, deixa-se vaga ou totalmente nula a preocupação com a formação/atuação Docente dessa modalidade de ensino.

Em 1988 na gestão de Olívio Dutra em Porto Alegre, os comprometimentos com os movimentos sociais sendo paralelamente como a gestão de Luísa Erundina em São Paulo, tendo Paulo Freire à frente da Secretaria de Educação de São Paulo (1988-1992) (FONSECA. 2008, p.84) implementaram o MOVA (Movimento de Alfabetização).

A SEDUC desde 2007 aderiu ao Programa Fundo Nacional de Desenvolvimento e Educação (FNDE) do Ministério da Educação (MEC), em 21 Municípios, atendendo 1.194 alfabetizandos, sendo 91 alfabetizadores, coordenadores de turma.

E se estrutura para atender a inclusão de 12 presídios estaduais, 191 alfabetizadores e a formação/atuação de 123 turmas em zona urbana e 56 em zona rural.

2.3 ALGUNS MOVIMENTOS

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, há uma preocupação política em educar os adultos, e conseqüentemente alfabetizá-los. Sendo assim, foi criada a Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEAS) para tratar sobre essa educação e, a cada 12 anos, os representantes de diversos países se reúnem para discutir. Tendo como países que já sediaram essa Conferência: Dinamarca, em 1949; Canadá, em 1960; Japão, em 1972; França, em 1985; Alemanha, em 1997, Brasil em 2009. Contudo, somente na III CONFITEAS¹⁰ foi mencionado sobre os profissionais que atuam com a Educação de Adultos:

Os educadores de adultos devem por isso trabalhar em ambiente natural de seus alunos, a fim de que essa em segurança sentir motivações autênticas [...]79”, além de “[...] conceder uma atenção especial a dimensão cultural da Educação de Adultos. A Educação de Adultos e seu desenvolvimento cultural será interdependente [...]. (MARTINS, 2009, p. 58).

¹⁰ Nesta CONFITEA ainda não era mencionado os jovens, somente os Adultos.

Em sua dissertação MARTINS traz a questão das formações de professores para a EJA nas Universidades:

Ao analisarmos especificamente a situação brasileira no que se refere a Educação de Adultos nas universidades, percebemos que a educação mencionada acima é ignorada no Brasil, principalmente nos cursos de Pedagogia. Em 2000 no universo de 585 faculdades de Pedagogia, somente cerca de 218 encaminharam dados ao INEP e dessas somente 11 oferecem habilitações específicas na área de Educação de Jovens e Adultos¹⁵³, o que demonstra que as universidades, no caso do Brasil, tratam a Educação de Jovens e Adultos como um mero apêndice, não há uma democratização e nem estudos mais abrangentes no que diz respeito a mesma. (MARTINS, 2009, p. 75).

Há, portanto, desde 1972, uma preocupação mundial na Formação de Educadores, mas ainda há uma defasagem no contingente de profissionais desta modalidade. Desde o ano de 2008, faço observações¹¹ dessa modalidade de ensino, e, nas cinco escolas que visitei, nenhuma das professoras possuía formação específica. A maioria das professoras observadas era do diurno e atuavam à noite. Somente duas profissionais não atuavam com as crianças, uma¹² que trabalhava em outra profissão e outra¹³ que trabalhava somente à noite. Já se passaram 39 anos da CONFITEAS e continuamos lutando por direitos que deveríamos já ter adquiridos, digo nós, porque me incluo nessa luta de direitos da educação dos Jovens e Adultos deste país.

A IV CONFITEA abordou Andragogia como sendo uma formação específica para a educação de adultos, diferentemente da Pedagogia que é formação específica para crianças.

Desde a I CONFITEA até a IV CONFITEA discutiu-se a metodologia apropriada para a Educação de Adultos. Ainda hoje não vemos nas escolas uma metodologia apropriada para os Jovens e Adultos, o que observamos, na sua maioria, são atividades que metodologicamente servem para crianças. A educação de adultos é diferente da educação infantil. Como remete PINTO (2003, p.43), as distinções de saberes e conhecimentos são diferentes, pois o adulto já está inserido na sociedade como um trabalhador responsável por seus atos, e a criança está na sociedade como um ser em “crescimento”, depende do adulto para sobreviver. Portanto, usar a atividade do “Coelhinho fofinho”, antes referida, com crianças é

¹¹ Não sendo todas apresentadas nesta pesquisa.

¹² Esta trabalhava na EJA, pois foi designada pela SEDUC já que tinha o Curso de Magistério, mas nenhuma experiência. Ela exercia esta atividade somente para: “[...]completar sua renda[...].”

¹³ Docente 3 que referida nesta pesquisa.

interessante, mas com adultos não. É outra concepção de pensar e agir, são faixas etárias diferentes, que possuem visões e interesses diferentes da/e sobre a vida. Como pode ser observado na atividade a seguir que foi colocada no quadro negro para os alunos copiarem, pela Docente 1:

OBERVE:



TE - **LHA** - DO

LHA, LHE, LHI, LHO, LHU

COMPLETE AS PALAVRAS COM "LH", COPIE-AS E
SEPARE AS SÍLABAS:

BARU _ O

PA _ A

GRA _ A

FI _ OTE

PA _ OÇA

MO _ ADO

CARTI _ A

ORE _ JDO

Os alunos tinham que desenhar o telhado da casa e eis que surgiu uma pergunta:

“É para desenhar a casa?” – aluna

“O que eu desenhei foi uma casa? Não, foi. Foi um telhado.” – professora.

Não há compreensão sobre a leitura dos alunos, nem mesmo sobre as leituras de imagem. Devemos ter uma compreensão se uma atividade condiz com a realidade da turma ou não, segundo Pinto:

O educando é o “sujeito” da educação (nunca o objeto dela). Se necessita da ação do outro, o professor, para se alfabetizar, institui-se, isso não significa que seja o objeto “sobre o qual” o educador atua, e sim unicamente que é componente indispensável de um processo comum, aquele pelo qual a sociedade como um todo se desenvolve, se educa, se constrói, pela interação de todos os indivíduos. (PINTO, 2003, p. 64).

E a metodologia da “cópia” que foi solicitada:

“Quantas coisas eu estou pedindo na atividade? Três!” – professora

Ao mesmo tempo em que a professora perguntava, respondia não dando oportunidade para os alunos responderem¹⁴, e estes nem se esforçavam em respondê-las mesmo, pois já conheciam as metodologias que a professora utilizava em sala de aula.

De acordo com Freire:

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui um obstáculo à sua experiência de conhecimento. (FREIRE, 2007,p.122).

E a metodologia da cópia continua...

Uma das alunas, que estava próxima a mim, fala baixinho: “mas tem que copiar de novo, as mesmas palavras?”

Outra aluna havia completado e estava separando as sílabas, a professora disse que ela não havia realizado “uma” das atividades solicitadas e a questionou. A aluna não soube responder, então a professora explicou. Assim, a estudante teve que apagar e refazer, pois não havia copiado

¹⁴ FREIRE, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, remete: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” (2010, p. 90). Contudo não era com essa visão que a professora atuava em suas aulas.

novamente as palavras e estava já separando as sílabas.

Após, um a um dos alunos ia ao quadro, completava as palavras com o “LH” e tinha que ler a palavra, alguns ficavam tímidos e nervosos, mas precisavam ir completar¹⁵ e ler. “Viu como tem que ter paciência.” – fala uma aluna, enquanto a professora “ajuda” a ler a palavra para o aluno. “A gente fica nervosa de ir lá.” – aluna.

Portanto, a metodologia utilizada nessa atividade não condiz com a EJA, pois as atividades em si, e a forma como foi solicitada a elaboração, não contribuirão para a formação/atuação destes adultos trabalhadores. Essa profissional não possuía a preocupação em dialogar com seus alunos criticamente que segundo Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizando aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 2010, p.90).

Assim se faz uma aula com o valor e a significação da vida destes estudantes e também da própria Docente, ao dar voz, também se aprende. De acordo com Freire (1981, p.113), necessário é saber escutar. Se aprendermos a escutar, aprenderemos, também, a falar.

Portanto, a Androgogia poderia ser uma das soluções para viabilizar uma formação/atuação para os profissionais da educação de jovens e adultos. Sei que a palavra se restringe ao estudo de adultos e exclui os jovens. Contudo, poderia ser o começo para se pensar em estudar: metodologias, objetivos, conteúdos, que condizem com a realidade dessas pessoas que já não se encontram na infância.

Na V CONFITEA novamente houve uma preocupação com a formação dos profissionais que atuam na educação de jovens e adultos¹⁶, de acordo com Martins:

Melhorar as condições de formação profissional para os educadores e monitores de adultos.

a) estabelecendo políticas e adotando medidas para melhorar o recrutamento a formação inicial e no emprego, as condições de trabalho e a remuneração do pessoal envolvido nos programas e atividades de educação de jovens e adultos, de modo a assegurar a respectiva qualidade

¹⁵ Um dos alunos teve que ficar ajoelhado para completar a palavra, sendo esse um senhor de 58 anos de idade.

¹⁶ Somente nesta CONFITEA que os jovens foram referidos, antes somente remetia-se aos adultos. No Brasil, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) já incluiu os jovens nesta educação.

e estabilidade, incluindo os conteúdos e metodologia da formação; (MARTINS, 2009, p. 124/125).

No nosso país foi realizado em 2009 a VI CONFITEA, na cidade de Belém, sendo o primeiro país da América Latina a sediar esta Conferência Internacional, com um total de 144 países participantes, tendo os objetivos a seguir:

- a impulsionar o reconhecimento da aprendizagem e educação de adultos como elemento importante e fator propício à aprendizagem ao longo da vida, dos quais a alfabetização é a base;
- para destacar o papel crucial da educação de adultos e educação para a realização da educação internacional atual e agendas de desenvolvimento (EFA, MDGs, UNLD, LIFE, e DEEDS);
- para renovar a dinâmica política e compromisso e para desenvolver as ferramentas para a implementação, a fim de passar da retórica à ação.¹⁷

Ressalta-se, além de outros fatores, a importância da qualidade de ensino para essa modalidade, como:

A qualidade na aprendizagem e educação é um conceito e uma prática holística, multidimensional e que exige atenção constante e contínuo desenvolvimento. Promover uma cultura de qualidade na aprendizagem e adultos exige conteúdos e meios de implementação relevantes, avaliação de necessidades centradas no educando, aquisição de múltiplas competências e conhecimentos, profissionalização dos educadores, enriquecimento dos ambientes de aprendizagem e empoderamento de indivíduos e comunidades.¹⁸

O empoderamento citado é o mesmo que Freire desenvolveu com seus educandos, para, assim, tornarem-se dignos de seus atos e atitudes.

A VI CONFITEA assumiu o compromisso, além de outros, de:

[...] melhorar a formação, a capacitação, as condições de emprego e a profissionalização dos educadores de adultos, por exemplo, por meio do estabelecimento de parcerias com instituições de ensino superior, associações e organização da sociedade civil.¹⁹

Falasse em melhoria da formação dos profissionais desta modalidade, contudo, ainda não foi descartado o “assistencialismo” para essa educação.

Os dados sobre os analfabetos nos países e os motivos que levam a esses, também foram discutidos nesta Conferência:

¹⁷ <http://www.unesco.org/en/confinteavi/>

¹⁸ http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/miolo_Marco_Belem_port.PDF

¹⁹ http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/miolo_Marco_Belem_port.PDF

[...] falta de relevância social dos currículos educacionais, o número inadequado e, em alguns casos, a formação insuficientes dos educadores, a escassez de materiais e métodos inovadores e barreiras de todo tipo acabam por prejudicar a capacidade de os sistemas educacionais existentes oferecerem aprendizagem de qualidade, capaz de abordar as disparidades de nossas sociedades.²⁰

Os pontos que foram abordados nesta VI CONFITEA foram relevantes para a realidade da educação de jovens e adultos, contudo, não houve melhorias significativas para essa população que continua sendo excluída. Assim como ela, os profissionais que fazem parte desta, também ficam a margem, pois não há uma política que vise à melhoria, e ficamos escutando, observando, a triste forma como a maioria dos profissionais trata os seus estudantes, trabalhadores na sua maioria, com atividades infantis que menosprezam os seus saberes.

Todavia, não podemos desmerecer e não lutar para que as melhorias ocorram. Freire dedicou à maior parte da sua vida nesta educação, e os resultados, mesmo que em pequenos focos, florescem até os dias atuais em diversos países.

2.4 AS LEIS, HOJE, AMPARAM A EJA?

“A teoria é uma coisa, na prática a gente sabe, é outra”

“A gente sabe, no papel é uma coisa, na prática é outra.”

(Frases ditas pela professora titular da turma de EJA)

Esta concepção de que os documentos somente servem para a teoria, mas que não são eficientes é vista em diversas escolas. Digo eficiente, na forma de ser ativo, de realmente ser seguido e utilizado com o objetivo que foi criado. No ano de 2000, a Resolução n. 1 do Conselho Nacional de Educação – estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, baseada no Parecer 11/2000 de Carlos Jamil Cury. O Parecer foi redigido para uma finalidade – sendo uma teoria que deveria ser adotada por todos os educadores e não para

²⁰ http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/miolo_Marco_Belem_port.PDF

permanecer engavetado ou nem se ter o seu conhecimento – que consiste em três funções:

-Reparadora: dando condições de acesso e permanência dos estudantes, reparando o direito negado há tempos atrás.

-Equalizadora: fornecendo conhecimentos para que os estudantes possam buscar restabelecer sua trajetória escolar, assim se igualando com o restante da sociedade.

-Qualificadora e permanente: a educação como um processo permanente, com condições de um ensino de qualidade, tanto nos conhecimentos, quanto nos materiais didáticos.

Os seus princípios condizem com a realidade dos educandos da EJA. As funções e conceitos presentes neste parecer, expressam as devidas necessidades dos educandos e educadores. Já se passaram 11 anos desde sua existência, contudo, ainda não há uma percepção pela parte dos/as profissionais de Educação de Jovens e Adultos, muitos/as jamais tiveram este documento em suas mãos. A preocupação com esta modalidade de ensino é recente, 'pois a escola era para as crianças'. Não havia, portanto, profissionais que tivessem a finalidade de atender aos jovens e adultos, e sim pessoas²¹ que ensinassem esses a ler e escrever, como os projetos de alfabetização, nos quais o/a educando retirava os materiais na SEDUC, preenchia uma ficha e poderia "ensinar" os adultos a "ler" e "escrever". Sendo, assim, mais um assistencialismo, do que propriamente uma educação de adultos. O ler e o escrever ficavam resumidos a simplesmente decodificar palavras, mas não a ler e escrever para a sua vida, que de acordo com FREIRE (2010, p. 21): "[...] aprender a ler é aprender a dizer a palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora."

As leis com o passar dos anos se modificaram. Na nossa Constituição Federal atual consta a educação para aqueles que não tiveram oportunidade quando crianças:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

²¹ Digo pessoas, pois a maioria não possuía nem o Ensino Fundamental dos dias atuais, mas atuavam como educadores, alguns somente sabiam ler e escrever.

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;²²

A LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, traz em seu Título III, Art. 4º, as mesmas referências que a Constituição Federal de 1988. Há um espaço específico destinado aos Jovens e Adultos, no Capítulo II Da Educação Básica, Seção V:

Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Contudo, as leis estão postas, mas na prática docente, ela é posta em prática? Ou fica realmente no papel? Como citou a educadora! Percebo, ao ler a LDB, que ela ainda não contempla as reais necessidades da EJA, porém, temos um documento que percebe a importância desta modalidade de ensino, mesmo que seja precário, contudo o primeiro passo foi dado.

A LDB, Título VI, remete à formação dos professores, mas não há formação específica para EJA, apesar de citar a formação nas diferentes modalidades. Desta forma, como poder suprir as necessidades destes jovens e adultos, sendo que a realidade deles é diferente daquela das crianças?

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando [...].

No documento acima, cita-se que a teoria e a prática devem estar associadas, contudo, na “prática”, não ocorre conjuntamente. A teoria é posta de um lado e a prática de outro, não havendo ligações diretas.

²² Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996.

3 O QUE ESTÁ POR TRÁS DA CORTINA

Nem tudo que parece é o que realmente está posto.

A visão de mundo que Freire tantas e tantas vezes nos disse não serve somente para nós docentes falarmos em sala de aula para nossos discentes, mas, sim, para nós, como membros da sociedade, compartilharmos de uma visão para além. Além da sala de aula, além da nossa casa, além do mundinho que nos rodeia. Essa visão é para além da cortina, a qual deve ser aberta para o “Sol” entrar, esse Sol a que me refiro é o Sol do conhecimento, da crítica, do não aceitar o que está sendo imposto. Se iniciarmos essa reflexão sobre a visão do mundo, primeiramente conosco, poderemos dialogar com nossos alunos e ampliar os horizontes além.

Não há um interesse político na melhoria da Educação de Jovens e Adultos, pois uma sociedade crítica reivindica seus direitos e contesta sobre a sua forma de vida. Portanto, é preferível deixar os educandos na ignorância do saber, não profissionalizando os educadores para uma visão crítica, mantendo-os, também, na ignorância do saber. Digo isso porque diversos educadores não percebem o seu papel político dentro da sala de aula. Não percebem que a sua fala, o seu posicionamento, o seu comportamento diante do mais insignificante fato, pode refletir no seu modo de interferir no mundo, na sociedade, que se inicia dentro da sala de aula. Essa atitude contribui para a permanência de uma massa um tanto quanto oprimida, por anos e anos; a massa de trabalhadores que não pode ter o conhecimento, pois, se o tivesse, iria refletir, pensar e não seria mais produtiva, da forma que o é, para um país capitalista.

Mas você deve estar se perguntando o que a formação/atuação docente, ou a falta dela, tem a ver com todas essas questões políticas? Tudo! Vivemos em mundo onde as questões econômicas e de poder permeiam nossas vidas, e, conseqüentemente, a escola possui um papel fundamental nesta construção e constituição. Se em uma aula de EJA não houver uma discussão sobre essa visão crítica, como esses sujeitos que a constituem poderão reivindicar seus direitos? Esses sujeitos aos quais me refiro não são somente os educandos, mas os educadores também. Pois, sem possuir em sua formação/atuação uma visão de mundo, como estes poderiam dialogar a respeito com os seus?

Conforme Moraes (2006), a reforma no currículo de Pedagogia, conforme a Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação (CNE), não supriu todas as necessidades que realmente são importantes para a formação/atuação dos professores, pois, em um tempo relativamente curto, precisam sair habilitados a diversas funções, isto é, precisam poder atuar em diferentes modalidades de ensino, permeando: a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Os profissionais que pretendem atuar em sala de aula terão que ir a busca de maior sustentação teórica para suprir as suas necessidade e as dos alunos, e os que o fazem contribuem para si e conseqüente para seus alunos.

Quero, portanto, apresentar alguns apontamentos para pensarmos sobre os docentes que estão nas salas de aula da EJA. Nesta pesquisa, irei apontar diferentes formações dos Docentes que atuam na EJA, com diferentes visões de vida, de metodologias, cada uma com suas especificidades. Sirvo-me do papel de pesquisadora não para apontar quem está certo ou quem está errado, mas sim para trazer questões que nos desestabilizem, nos desacomodem e nos façam pensar sobre a formação/atuação de Docentes na EJA. Como já referido, as três docentes possuem diferentes formações. Assim, poderemos dialogar sobre a formação/atuação dos professores e suas implicações e relevâncias diante de um campo não tanto visível na educação: Educação de Jovens e Adultos. Minha visão como pesquisadora em nenhum momento tem o intuito de culpabilizar a professora A ou B, mas sim mostrar o quê está por trás da cortina, que em diversos momentos acaba passando despercebidamente aos nossos olhos.

Em sua pesquisa, Moraes (2011, p.18) trouxe a questão que um currículo da Pedagogia não consegue suprir as necessidades de um Pedagogo, e que, quando deixamos a academia, não estamos preparados profissionalmente, devido ao tempo de graduação e às lacunas que ficam em nosso currículo que abrange diversas modalidades de ensino como: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Gestão.

Contudo, mesmo tendo a consciência de que o tempo cronológico influencia, não o vejo como o fator principal. Muitos Pedagogos apesar de formados com apenas uma ênfase em uma modalidade de ensino, não têm a garantia de que serão profissionais competentes. O currículo pode ser sim um dos fatores responsáveis por diversos profissionais saírem da academia com defasagem de conhecimento, mas não é somente esse o motivo pelo qual percebemos docentes despreparados dentro

de uma sala de aula, especificamente de EJA. Se dialogássemos com Viero (2008, p.105) sobre o currículo emancipatório e o trouxesse para dentro da academia, teríamos como fazer pontos de ligação, como, por exemplo, o processo de produzir saberes. Assim, mesmo que o currículo não sustente todas as nossas expectativas, ele nos produz a sede de ir à busca do conhecimento e do saber, sendo esse um ponto positivo e compensatório.

A práxis, como abordava Freire, sendo uma prática que envolve a vida pessoal de cada profissional relacionando suas ideias e visões de mundo, reflete o eu de cada indivíduo em suas ações. Pois, uma pessoa crítica que não aceita as questões impostas e não concorda com certas atitudes políticas, sejam elas dentro ou fora da escola, irá refletir no seu fazer docente.

Uma das atividades que observei da Docente 3 foi o preenchimento de uma ficha, a qual foi escrita no quadro para os alunos preencherem com os dados pessoais, profissionais. O seu objetivo era atender ao pedido de um educando, que necessitava de auxílio para preencher esses tipos de ficha, pois seu trabalho²³ o exigia. A educadora, simplesmente, poderia ter solicitado aos educandos o preenchimento, mas ao invés disso preferiu levar a ficha para toda a turma e dialogar com todos criticamente.

Alguns educandos não sabiam ler e escrever, esses receberam a ficha impressa²⁴, dessa forma não necessitavam copiar.

Foi reservado um tempo para que todos pudessem responder as questões. Após, a professora perguntava e questionava. Abaixo alguns exemplos da atividade:

Profissão: Onde você trabalha?

Uma educanda responde “Eu não trabalho, vou deixar em branco.”

A educadora responde: “Você estuda?”

Educanda: “Sim.”

Educadora: “Então, você ocupa uma posição na sociedade, e pode colocar como resposta: estudante.”

Outra educanda: “Ah, pelo menos nós somos alguma coisa.”

Educadora: “Claro, com certeza, tu estuda.”

²³ Como FREIRE remete “O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador.” (1988, p.29).

²⁴ A preocupação com as especificidades e dificuldades dos educandos. A diversidade de níveis de aprendizagem estava presente e a valorização das diferenças havia por parte da educadora.

Carteira de trabalho:

Neste espaço quem possuía teria que colocar o número correspondente. Contudo, nem todos a tinham, alguns por não trabalharem e outros por fazerem “bicos”. Também houve intervenções, como: “Mas, vocês devem ter carteira de trabalho e pedir para seus patrões assinarem.”

“É a carteira de trabalho foi criada pelo Getúlio.” – diz uma discente.

Apesar de a educadora não ir além, com outras questões, ela contribuiu para esses educandos, trazendo para suas aulas questões do dia a dia daquelas pessoas e os instigou a pensar. Mesmo não tendo a formação em EJA, essa Docente se preocupa com as questões de seus discentes, com a vida deles.

A partir das falas dos discentes surgiram outras discussões em sala de aula, sobre a valorização, os direitos dos trabalhadores. As questões políticas eram discutidas em aula e levadas a sério por todos.

Segundo Freire (1988, p. 19): “[...] a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador.” Esse princípio reforça a importância do papel dos educadores em não simplesmente ensinar os conteúdos²⁵ curriculares, mas sim ensinar seus educandos a pensar e refletir sobre a vida. Faz-se necessário o docente perceber que mesmo a sua falta de posicionamento diante de uma situação demonstra a sua posição a respeito, como alerta Freire. Sendo assim, acredito que as atitudes que são apresentadas para os discentes os constituem de uma forma ou de outra.

Vejamos agora algumas de suas posições que refletem em seu fazer docente, na entrevista que realizei:

Entrevistadora: Quais as concepções que você acredita ser importante para ministrar uma aula de EJA? O que tu achas importante: as aulas, atividades?

Docente 3: “Acho que é uma integração assim do grupo, né. Tu tem que ter bastante afetividade para trazer eles de volta pra escola depois de tanto tempo, tantos anos. Tu integra eles nessa nova vida que pra eles. Muitos tiveram passagens que não foram boas pela escola, né. Então essa volta tem que ser com um bom acolhimento.”.

²⁵ Os conteúdos que cito são aqueles onde os alunos aprendem somente a parte didática das áreas do conhecimento.

Essa profissional possui, segundo Freire (1981, pg.26): “[...]uma visão crítica [...] da necessidade [...] educadoras e educadores, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo.”.

Outra visão desse acolhimento: a Docente 1, formada em Pedagogia, porém em séries iniciais, onde trabalha com o texto²⁶, e após ela faz suas intervenções com os alunos. O quadro²⁷ a seguir apresenta atividades completamente diferentes do caso que apresentado anteriormente:

Enquanto os alunos copiavam do quadro a professora circulava entre as classes²⁸ para verificar se eles estavam “copiando” corretamente. Se faltava alguma letra ou palavras elas eram circuladas nos cadernos e os alunos tinham que copiar novamente. Um aluno falou: Estou “comendo” muitas letras? E mostra o caderno para a professora, que faz anotações. Os alunos que acertavam as atividades recebiam um “certo” com caneta vermelha.

A professora ajudava quem necessitava: “Liga a palavra da casa na palavra chocolate”.

Após todos terem copiado o texto e feito as atividades, vinha o momento da leitura coletiva, contudo, a professora lia uma frase e os alunos repetiam. Alguns começaram a ler conjuntamente com ela e esta falou: “Vocês só repetem depois que eu terminar. Eu vou falar porque tem que escutar para depois falar”. Os alunos falavam baixo, não ouvia-se a voz deles, a professora falava: “Não estou ouvindo a voz de vocês.” E continuava: “Depois de mim vocês têm que ler. Observem a entonação que faço ao ler as frases e façam o mesmo. Cada ponto tem sua utilidade. Cuidem!”

Terminado a leitura, iniciou-se a interpretação oral com as seguintes perguntas feitas pela professora:

- Este texto está falando de quem?
- O que aconteceu com ela?
- Dormiu e sonhou com o quê?
- Como era essa casa?

Os alunos não responderam ficando tímidos, uns baixaram a cabeça.

A professora decidiu responder com suas próprias palavras e logo partiu para a próxima “atividade”.

“Bom pessoal, hoje vamos aprender outro som. O som que tem nesta palavra.” Dita a frase, dirigiu-se ao quadro, escreveu e sublinhou a palavra TELHADO.

O diálogo não fazia parte desta realidade, já que somente a professora possuía a palavra. Sem o diálogo, de acordo com Freire (2010, p.96), não há

²⁶ Anexo A.

²⁷ As anotações foram retiradas na íntegra do meu Diário de Classe.

²⁸ Estas dispostas em trios e duplas. Os alunos sentavam conforme o interesse, contudo, em um dia a professora trocou de lugar um dos alunos, pois estava “conversado” com o irmão.

comunicação e sem a palavra não há verdadeira educação. Naquele ambiente escolar essa concepção não era considerada pela pessoa responsável por esse acontecer (docente). Essa profissional, descrita nestes últimos pequenos exemplos, possui um olhar político, uma visão além? Ou atua com ingenuidade tanto quanto os seus alunos? São questões para serem refletidas por todos nós.

Deixemos essas interrogações em nossas mentes e partamos para outro exemplo, que traz a visão sobre como conduzir as aulas de maneira crítica, abrindo a cortina.

A Docente 2, possui uma outra visão. Nas suas aulas trazia a realidade dos alunos para dentro das questões que estavam sendo desenvolvidas em aula.

Um exemplo do que acabo de citar, pois houve diversos apontamentos sobre o dia a dia e o contexto político que vigorava naquele período da observação.

A educadora trouxe diversos jornais de diferentes fontes e os educandos tinham que classificar e recortar as notícias que chamavam a sua atenção²⁹. A Educanda³⁰ começou a ler entusiasmada.

- Viu, compra um jornal, tu já consegue ler! – educadora.

- To, tentando, né?! – educanda.

O diálogo entre os educandos:

- O voto não precisava ser obrigatório

- Hoje estamos discutindo sobre política, não vou estragar meu olho com aquilo.

- Desligo a TV quando começa. (referindo-se ao horário político)

- Temo que vira líder como no filme³¹. Fica só estragando as pessoas, fica na boca do povo.

Após escolherem as notícias, eles leram, falaram sobre o que entenderam e dialogaram com o grupo as questões pertinentes para o mesmo. Essa foi uma aula, na qual os fatos que estavam ocorrendo em seu entorno eram levados para dentro do ambiente escolar.

A Docente 2 possui dentro da Universidade³² onde estuda um cunho político, envolve-se em diversas manifestações, visando ao interesse dos desfavorecidos pela sociedade. E, por ter essa caminhada, contribuiu em seu fazer

²⁹ O tema desenvolvido era as eleições.

³⁰ A educanda estava em processo de alfabetização, segundo Ferreira (1991), no nível silábico-alfabético.

³¹ Referindo-se a Revolução dos bichos, filme que assistiram no dia anterior.

³² UFRGS.

docente, ao escutar os alunos em aula, pois, como remete Freire (2010, p.96): “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”.

Na entrevista³³ que realizei, a fala da Docente 2 demonstra o que acabo de descrever e pode ser verificado no quadro abaixo:

Entrevistadora: - As atividades que são desenvolvidas em sala de aula atendem a necessidade dos discentes? Quais necessidades? E de que forma fazer proporcioná-las?

Docente 2: - Primeiro [...] eu ficava frustrada com o que eu via. [...] professora que coloque para um trabalhador, um pai de família: Dizer qual o som que o cachorro faz? E ligar pontinhos a imagem e ao som, não vai atender o interesse daquele pai de família, daquele trabalhador. [...] penso [...] ambiente de socialização, [...] conteúdo faça com que o aluno esteja sempre interessado aquilo, [...] vontade de estar na sala de aula. [...] história dele para dentro da sala de aula é importante. [...] alunos sentirem que eles faziam parte daquele processo, que não era algo que vinha de fora, que eu iria vir com algumas perguntas e eles iam assimilar conteúdos. [...] uma analogia que eu fazia em minhas aulas levantar a cabeça, aquela coisa de deixa sair do papel, do caderno, e falar para socializar. [...] o interesse do aluno aumente pelas aulas, [...] proporciona o maior aprendizado porque ele vai estar mais disposto, vai estar mais aberto. [...] nem sempre a gente vai contemplar a todos.

A sua fala condiz com a sua prática docente, pois, aquela ação era vista em suas atividades, falas dentro do ambiente escolar. Realmente trazendo o educando, sendo o seu dizer importante e valorizado, não simplesmente ignorado. Pois:

Elementos como o “saber popular” ocupam um lugar central nas práticas educativas. O rigor interno trata de como são usados os recursos e metodologias nas práticas, destacando-se o processo de como se produz o saber em relação a obra da humanidade. (VIERO, 2009, p. 101)

Na observação seguinte, a educadora estava questionando sobre os partidos políticos, considerando os conhecimentos dos educandos³⁴ para os debates.

O quadro a seguir traz algumas das intervenções com as falas:

³³ A entrevista completa está no primeiro Apêndice, neste presente documento.

³⁴ Não irei citar os nomes dos educandos, irei adjetivá-los, assim durante a leitura será percebido de quem será a fala.

A educadora propõe que o grupo forme um partido político.

Concentrado: temos que criar um partido!

Sorridente: Partido popular é que é bom.

Brincalhão: É aquele que tá junto do povo. E eleger-se a ser o candidato. E continua: - Educação, temos que dar aumento para os professores. Os professores são os segundo pais. O que eles fazem com os professores, dão na cara dos professores. Nós tínhamos respeito.

Sorridente: - Ficávamos no milho. Professor não pode mais bater.

Brincalhão se envolveu com a atividade e incorporou ser mesmo o candidato à presidência. E segue sua fala: - Os médicos também ganham pouco.

Concentrado: - Partido cem por centro. E terá 4 prioridades: segurança, saúde, educação e emprego.

Brincalhão: Nós copiamos tudo, futebol, forró.

Sabedoria: Fazemos jogadores de futebol.

Brincalhão: Em uma cidade de Florianópolis, todos se ajudam, fazem cooperativas, os empresários entram com o dinheiro e as pessoas com a mão de obra. A união faz a força.

A educadora interroga sobre o slogan do partido.

Brincalhão: Cem por centro unidos e ideias puras.

Depois que fala, questiona perguntando à educadora:

Qual a melhor palavra: “de ideias” ou “e ideias”.

Educadora: Não sei, o que tu acha?

Sabedoria responde: Cem por centro unidos, e unidos venceremos.

A educadora retorna a questioná-los: O que significa cem por centro?

Brincalhão: É algo, por completo.

Concentrado, não convencido do “e” no slogan, pede para a educadora mudar para “de”. E disse: Assim ficou melhor.

Os educandos estavam envolvidos com a atividade proposta pela educadora, e esta também trouxe outros fatores que complementaram a reflexão, pois solicitou que utilizem o dicionário para procurar o significado de democracia. Foi feita uma leitura e interpretação da palavra, tendo concepções sobre o assunto que estavam desenvolvendo em sala de aula, além de terem sido abordadas a quantidade de letras da palavra, assim como a sua letra inicial, pois havia três educandos em processo de alfabetização.

Cito estes exemplos para expor que os conteúdos não precisam ser deixados do lado, mas que podem estar ligados a temas pertinentes à realidade dos educandos, e ao mesmo tempo fazendo-os refletir sobre a vida que os entorna.

Essa é uma visão, na qual se enxerga o que há por trás da cortina. Apesar de ter uma formação acadêmica precária, como cita Moraes (2011) em sua dissertação.

Portanto, nesta pesquisa são abordadas diferentes perspectivas adotadas por profissionais da educação. Minha intenção não é e nunca será fazer comparações entre os profissionais, mas apresentar que mesmo com diversos percalços, a formação específica para a EJA abre janelas para poder ver além, além da cortina.

4 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS³⁵

Segundo Minasi (2010, p.), a formação dos professores deve ser “distinta da vigente”, pois não podemos esquecer que a formação é necessária, mesmo que precária como nos remete Hoff (p.50) em sua pesquisa: “apesar de muitos professores possuírem um grau elevado de formação a nível de graduação, especialização, etc.”. No entanto, muitos não conseguem dar conta da demanda, demonstrando que somente a formação não implicará a utilização de uma proposta crítica e construtiva no ser professor.

Para Minasi (2010, p.): “o processo de formação de professores terá que enfrentar, tanto no campo institucional como no campo curricular discussões”, para dar conta e atender aos alunos da EJA, com as condições que eles realmente necessitam para si considerando o mundo que os envolve, como sempre nos remeteu FREIRE.

A atividade e a fala da Docente 2 que seguem demonstram algumas das implicações às quais me refiro.

Após assistirem ao filme, a educadora questionou a turma se o que os porcos haviam feito com os outros animais era correto, o que podemos aprender assistindo aquele filme e se ele teria alguma ligação com as nossas vidas e com a política.

“Vocês irão escrever em uma folha sobre o filme.” Dito isso a educadora entregou a folha para cada um. Alguns desse encontram a seguir:

RELATO SOBRE O FILME
A REVOLUÇÃO DOS BIXOS
NO FILME A REVOLUÇÃO DOS BIXOS
_TEVE UM LIDER QUE FOI CHAMADO
_NAPOLHÃO, EU ME PAREI A PENSAR, QUE EM
TUDO NA VIDA TEM UM LIDER, COM OS BIXOS
NÃO É DIFERENTE TAMBEM, EU COM O FILME
APRENDI QUE ATÉ COM SO ANIMAIS TEM
POLITICA.
CLARO QUE NEM TUDO OQUE VIMOS NO
FILME E REAL,
_MÁS PERCEBI QUE OS BIXO TAMBEM NA
_POLÍTICA TAMBEM TRATAM E NÃO CUMPREM
QUE NEM OS HUMANOS,
APRENDI QUE NEM O SUBORNO, ÊXISTE ENTRE
OS ANIMAIS, QUE NEM OS HUMANOS.
TEM LIDER, TEM SUBORNO, TEM

³⁵ O subtítulo possui o nome do filme apresentado pela docente 2 para a turma.

Porto Alegre 13 de Setembro 2010

A revolta dos animais

É o que eu entendi e mais o menos o que
 nos estamos passando cada político
 que vem nos ficamos na esperança
 que alguma coisa boa vai mudar
 pelas proméças o que elas dizem
 que vão melhorar a segurança
 tratar melhor as condições de saúde
 e os coitados dos animais com fome
 estavam acreditando que com o líder
 agora não iam mais passar fome
 então trabalhavam bastante estavam
 até mais alegre quando a decepção
 chegam pois ali também avia roubo
 canaça e os animais como nos
 também sofrem pelos maus
 governante que esquecem das proméças
 que fazem assim eles menos evoluídos
 do que nos sofreram as desigualdades
 nos mesmos aqueles mais experiente
 vai na convergência dos políticos pois
 eles tem lábia até para um amigo
 mas quando o amigo precisa ele
 passa um outro dia vou ver o que
 possa fazer por ti porque cheguei agora
 ainda estou preparando o gabinete
 aqui esta o meu cartão liga para
 minha secretaria mas ai ele nunca
 esta e fica no esquecimento o amigo

No outro dia, os discentes leram suas escritas para a turma e dialogaram as ideias, pensamentos, sentimentos que cada um descreveu sobre o filme.

As relações com o filme, a realidade dos educandos estavam sendo instigada e desenvolvida nas aulas, como diria Freire a alfabetização está vinculada com o ato político, e, não é um simples fazer de conta, mas a vida real dentro de um ambiente real.

A entrevista a Docente 2 remete a atividade anteriormente mencionada, quando a mesma responde o que as aulas de EJA representam:

As aulas de EJA. Eu acredito que as aulas de EJA são mais que aprendizado intelectual. Eu acredito que tenha que ser um espaço de aprendizado, de socialização, principalmente porque os jovens e adultos estão nesses espaços, são jovens que em outros momentos não tiveram sua oportunidade. Independente do motivo. Então... eu acho que as aulas de EJA é mais que um aprendizado de espaço intelectual, de conteúdos, de português, matemática, enfim. Mas um espaço de socialização, de trocas de experiências.

5 UM PRÉVIO RESULTADO

Acredito ser possível abordar e apresentar atividades questionando o mundo e as suas vidas dos discentes (Freire), que os docentes podem contribuir com para formar pessoas críticas, como também, podem deformar deixando-os na ignorância do conhecimento, seja seu ou do mundo a sua volta.

Como apresentei nesta pesquisa, os professores com a formação/atuação em EJA possuem uma gama de ferramentas que podem servir de suporte para suas aulas. Não estou afirmando que todos os profissionais que passaram por esta formação irão, na prática, realizar trabalhos críticos dentro de suas salas de aula, mas pelo menos o contato com o conhecimento necessário para tal teria existido, permitindo aos profissionais a visão política citada por Freire, e, além disso:

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a torná-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática “astuta” e outra crítica. (FREIRE, 1981, p.23).

E por inúmeras vezes, observando nas salas de aula deste público, que o/a Docente não refletia sobre a sua posição neste local, seu real compromisso diante da sua posição em aula. A educação é algo que deva sempre ser refletido, pensado, analisado, discutido, problematizado. Portanto, deixo esta citação de Brandão, para refletirmos sobre a educação, que é antes de tudo:

[...] é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. (BRANDÃO, 1989, p.99).

Sendo, então, um processo cíclico, de um ir e vir, a mudança é possível se voltarmos os nossos pensamentos e atitudes para o nosso papel, como Docentes, no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Luiz Olavo Fonseca. Que diretrizes devem nortear a formação inicial e continuada dos educadores de jovens e adultos? Perspectiva dos professores de jovens e adultos da educação básica. IN: MACHADO, Maria Margarida (Org.) **Formação de Educadores de Jovens e Adultos: II Seminário Nacional**. Brasília: Secad/ MEC, UNESCO, 2008.

FONSECA, Laura Souza. **EJA: lutas e conquistas! - a luta continua: formação de professoras em EJA**. REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 2, n. 2, p. 75 - 97, ago. 2008 NEJA-FaE-UFMG. Belo Horizonte. Agosto de 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOLL, Márcio. **RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA PESQUISA PARTICIPANTE**.

MARTINS, Venício José. **AS CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS DO SÉCULO XX (CONFITEAS): CONCEPÇÕES E PROPOSTAS**. Belo Horizonte (MG), 2009. Dissertação (Mestrado) - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS/CEFET-MG

MINASI, Luís Fernando. Princípios suleadores para uma proposta curricular da formação de proposta da formação de professores para o MERCOSUL/Cone Sul. IN: MACHADO, Carmem Lucia Bezerra. (Org.) **Cartas Educativas: Uma experienci –ação de resistências, anúncios e fazeres**. Porto Alegre: Editora Itapuy, 2010.

MINASI, Luís Fernando. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO: CONTRADIÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**. Porto Alegre (RS), 2008. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

MORAES, Jaira Coelho. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE PEDAGOGIA, LICENCIATURA DA FACED/UFRGS: Um estudo particular das Diretrizes Curriculares de 2006**. Porto Alegre (RS), 2011. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

SOARES, Sonia Ribas de Souza. **AS CONTRADIÇÕES NA VIDA E NO TRABALHO DOS ALUNOS DA EJA EM PORTO ALEGRE/RS: UM ESTUDO DE CASO.** Porto Alegre (RS), 2006. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

VIERO, Anezia. **AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA REDE PÚBLICA DE PORTO ALEGRE – RS.** Porto Alegre (RS), 2008. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sites consultados:

<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/eja.jsp?ACAO=acao1> Acesso em: 05 nov. 2011.

http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/miolo_Marco_Belem_port.PDF
Acesso em: 05 nov. 2011.

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10309/000594306.pdf> Acesso em: 05 nov. 2011.

<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/223/169> Acesso em: 05 nov. 2011.

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.htm> Acesso em: 05 nov. 2011.

<http://www.unesco.org/en/confinteavi/> Acesso em: 05 nov. 2011.

ANEXO A

UM DOCE SONHO...

ANITA . ERA . MUITO . GULOSA ...
 SÓ . PENSAVA . EM . COMIDA .
 CERTA . NOITE . DORMIU . E . SONHO .
 UMA . CASA . DE . CHOCOLATE ,
 O . PISO . DE . CHOCOLATE ,
 O . TELHADO . DE . BISCOITO !
 E . ANITA . COMEÇAVA . A . JOAR ...
 O . ANJÃO . ERA . UM . BOLO .
 E . AS . NUVENS ? !
 AS . NUVENS ? DE ALGODÃO - DOCE .
 ANITA . ACORDOU . COM . A . BOCA . CHEIA . D'ÁGUA
 MENININHA GULOSA ! ...

<p>TELHADO -</p> <p>ANJÃO -</p> <p>NUVENS -</p>	<ul style="list-style-type: none"> - BOMBONS - BISCOITO - CHOCOLATE - BOLO - ALGODÃO - DOCE - CHICLETES
---	---

As letras em cor vermelha representavam as maiúsculas, sendo todas em letra bastão. Os pontos entre as palavras significavam o término de uma palavra e o início de outra.

APÊNDICE

1 Entrevista com a Docente 2

Entrevistadora: - O quê é para ti as aulas de EJA?

Docente 2: - As aulas de EJA. Eu acredito que as aulas de EJA são mais que aprendizado intelectual. Eu acredito que tenha que ser um espaço de aprendizado de socialização, principalmente porque os jovens e adultos estão nesses espaços, são jovens que em outros momentos não tiveram sua oportunidade. Independente do motivo. Então... eu acho que as aulas de EJA é mais que um aprendizado de espaço intelectual, de conteúdos, de português, matemática, enfim. Mas um espaço de socialização de trocas de experiências.

Entrevistadora: - E quais as concepções, conhecimentos, saberes, finalidades, idéias, que você acha importante hora que esta ministrando uma aula de Educação de Jovens e Adultos?

Docente 2: - Conhecimentos que eu tenho que ter?

Entrevistadora: - Conhecimento, concepções, os teus saberes, as tuas finalidades, tuas idéias?

Docente 2: - Eu acho que, é óbvio, além do domínio daquilo que tu está colocando. Domínio de questões históricas, que enfim, vão ter alunos de diferentes idades. Na minha experiência tinham alunos de diferentes idades dentro da sala de sala. É importante tu ter esse domínio, porque eles pedem pro professor, que o professor saiba do que está falando, e conheça tudo, porque ele tem que o professor sabe tudo. Óbvio, sabe que tu não sabe tudo, mas tu tem que ter o domínio mínimo daquilo, das questões históricas são muito importantes.

A questão de se reconhecer como aprendiz, acho que uma concepção muito importante. Sabe sim que tu é o professor, mas tem muito que aprender com aquelas pessoas, questões deixar muito claro pra eles começam e desconstruir aquele professor que sabe tudo. Porque, enfim, eles são de uma época, que param de estudar onde sim o professor era o mestre, que estava lá na frente, num espaço diferenciado. Então, também, se colocar com aprendiz para que eles também comecem a desconstruir essa idéia. Muito aprender a ouvir. Sabe ouvir. Acho que é isso. Estar sempre prestando atenção e valorizando idéias, histórias, experiências, fazendo com que essas histórias deles, se tornem conteúdos em sala de aula, para que eles se sintam pertencentes aquele espaço. Acho que bastante importante isso.

Entrevistadora: - Quais os teóricos que sustentam o teu fazer docente?

Docente 2: Eu não sei, durante a minha formação, sou uma pessoa que nunca se embasou em muitos teóricos. O que eu li bastante, bastante não, li um pouco, foi Paulo Freire que é a base quando a gente vai estudar a EJA. De o início Paulo Freire sempre, por mais que depois a gente vai abandonando aos pouquinho. Muita coisa é utópica, mas é a base é a partir daqui começa pensar e a desconstruir, a pensar outras coisas.

Saviani quando eu penso bastante no docente, no fazer docente. As questões mais práticas da profissão. Saviani é uma pessoa que pensa em questões bem práticas e do fazer docente do que ampare o fazer docente com uma visão política mesmo.

Teóricos da Faculdade de Educação, assim o Helvécio quando vai tratar da história, a própria Denise quando a gente conversava antes, quando fala da formação de professores do que é a base para uma formação de professores. Própria experiência ela tem na área, como docente. Eu acho que isso muito mais que os teóricos que venham falar do que é ideal, eu acho que...teóricos que venham falar do... a partir da experiência, são bastante importante.

Entrevistadora: - A diversidade de níveis de aprendizagem e as diferentes idades cronológicas dificultam ou facilitam o teu fazer docente? Por quê?

Docente 2: - EU acho que não dificultam nem facilitam, acho que é um desafio, com certeza um desafio. Mas eu acho que é uma oportunidade também de fazer com que existam as trocas. De fazer com que aquele que sabe mais possa ajudar o que tem uma certa defasagem ou que exercitem a nossa capacidade de perceber como trabalhar as diferenças de forma diferenciada dizendo a mesma coisa da mesma forma. De perceber que nem todo o mundo vai aprender a mesma coisa da mesma forma. Eu acho que é um desafio, mas que gera muito aprendizado. Óbvio que não como tu trabalhar com uma turma homogenia, apesar de eu não acreditar que exista uma turma homogenia, não pela EJA que tem defasagem em sala de aula. A idade cronológica muitas vezes não diz quase nada.

Entrevistadora: - As atividades que são desenvolvidas em sala de aula atendem a necessidade dos discentes? Quais necessidades? E de que forma fazer proporcioná-las?

Docente 2: - primeiro respondendo, assim, quando tu vai pesquisar material didático, ou tu vai olhar uma aula, venha contextualizar a EJA, e eu ficava frustrada com o que eu via. Eu acredito que uma professora que coloque para um trabalhador, um pai de família: Dizer qual o som que o cachorro faz? E ligar pontinhos a imagem e ao som, não vai atender o interesse daquele pai de família, daquele trabalhador. O que eu penso, como eu coloquei ante, eu penso que tem que ser um ambiente de socialização, enfim, que o conteúdo faça com que o aluno esteja sempre interessado aquilo, e principalmente sinta vontade de estar na sala de aula. E ai trazer a história dele para dentro da sala de aula é importante. Que o que quando eu atuei na EJA eu fiz, minha primeira atitude foi fazer os alunos sentirem que eles faziam parte daquele processo, que não era algo que vinha de fora, que eu ia vir com algumas perguntas e eles iam assimilar conteúdos. Então colocava as histórias deles na roda, fazer eles falarem deles mesmos e entenderem que dentro da história deles tinham muita coisa que eles tinham aprendido que tinham muitas coisas a ensinar. Eu é uma coisa, uma analogia que eu fazia em minhas aulas levantar a cabeça, aquela coisa de deixa sair do papel, do caderno, e falar para socializar. Acho que isso faz com que o interesse do aluno aumente pelas aulas, e eu acho que o interesse deles esta lá é que proporciona o maior aprendizado porque ele vai estar mais disposto, vai estar mais aberto. Mas isso faz parte...Os interesses são diferentes, assim como também os níveis de aprendizagem, tem os diferentes formas de se interessar por aquilo com certeza não vai ser nem sempre a gente vai contemplar a todos.

Entrevistadora: - E em relação as leis o que você sabe sobre elas? E você acredita que elas são cumpridas?

Docente 2: - Bom, pois é, o documento que embasa a EJA eu estudei bastante ele no semestre passado para fazer o meu trabalho. três coisas que eu acho são essenciais que ele traz. A questão de contemplar a peculiaridade do público, ou seja, as diferenças que ele tem com o outro público, diferenças de idade, de interesse, de que momentos que eles estão ali para aprender, trocar. A questão da formação de pesquisa para o docente e a questão do modelo pedagógico próprio. Das minhas observações eu não percebi nenhuma dessas três, desses três aspectos sendo contemplados, né? Então, formação de professores, dos professores que eu pesquisei, nenhum tinha formação específica, nem durante a graduação, nem depois em uma pós ou um curso. O que a gente vê hoje são pequenos curso, muitas vezes em EAD, onde as pessoas fazem só para dizer que tem uma formação, porque é exigido. É exigido, mas é cobrado de certa forma, mas se não tem não precisa. O modelo pedagógico próprio, tu vai, tu pede uma grade curricular te dão de uma série normal. Não existe um modelo pedagógico, apesar dos livros didáticos estarem chegando. Mas se tu analisar, pegar um livro didático tu vai ver que é a UVA trocada pelo martelo, e só. Não existe uma mudança de concepção, de reflexão...uma mudança que vá gerar uma reflexão para o aluno, não são conteúdos ligados a vida deles. E a questão da complementariedade do currículo ser, é claro, o professor não tá preparado para enxergar isso, ainda aquela visão muito fechada de escola, né? De grade curricular não atenta a essa modalidade diferenciada. Então, a EJA é vista como uma modalidade diferenciada,

mas ela não é efetivada como uma modalidade diferenciada. E por não ser enxergada como uma modalidade diferenciada, e ser uma modalidade diferenciada ela acaba sendo menosprezada.

Entrevistadora: -Uma mensagem ou um slogan sobre a Educação de Jovens e Adultos:

Docente 2: Eu acho que a Educação de Jovens e Adultos ainda é uma espaço a ser aperfeiçoado, importante espaço a ser aperfeiçoado. Porque a população de analfabetos cresce, e não tem espaço. Então, é um espaço que existe, mas que ser aperfeiçoado. Pra mim, ela tem que começar do zero de novo, e ser reconstruída de novo, porque da forma que ela está só remendando a coisa não vai funcionar. Eu acho que ela precisa ser repensada e reconstruída do zero que as coisas comecem a dar certo.

2 Entrevista com a Docente 3:

Entrevistadora: Como tu encaras as aulas de Jovens e Adultos?

Docente 3: Como?

Entrevistadora: Como tu percebes, vê as aulas de Jovens e Adultos?

Docente 3: Eu vejo com muito bons olhos. Que é uma clientela que de 1ª a 4ª série são muito interessados, e que eles estão com vontade de aprender, valorizar, professor com o material que a gente traz. Então pra mim é muito bom.

Entrevistadora: Quais as concepções que você acredita ser importante para ministrar uma aula de EJA? O que tu achas importante: as aulas, atividades?

Docente 3: Acho que é uma integração assim do grupo, né. Tu tem que ter bastante afetividade para trazer eles de volta pra escola depois de tanto tempo, tantos anos. Tu integra eles nessa nova vida que pra eles. Muitos tiveram passagens que não foram boas pela escola, né. Então essa volta tem que ser com um bom acolhimento.

Entrevistadora: Tu utilizas algum teórico que sustenta o teu planejamento?

Docente 3: Não. Assim, acho que um pouco de tudo agente vai encaixando. Conforme a necessidade dele e esses contatos com os estagiários que a gente tem, trazendo coisas novas. E a gente vai aprendendo.

Entrevistadora: A diversidade dos níveis de aprendizagem e a idade cronológica isso dificulta o teu fazer docente?

Docente 3: Dificulta. Porque, as vezes a pessoa com mais idade está, como eu vou dizer, incasurrada, né. Então é mais difícil que a criança que é mais nova, vai pegando mais fácil. Só que daí tem todo, a parte social. A criança é mais agitada, e o adulto é mais acessível.

Entrevistadora: E dentro da sala de aula com a diferença de idade, adolescentes e pessoas mais idosas, isso atrapalha, dificulta?

Docente 3: Acho que tem que ter um jeito. Não que atrapalhe, mas já teve assim pela diferença de idade. Jovens que vem assim meio rebeldes dão de frente com os mais velhos que não tem paciência, já acham que é falta de educação. Já aconteceu, mas a gente procura amenizar fazer um bom grupo que tem que conseguir assim, né. Que as

diferenças venham a ajudar e não atrapalhar. Valorizar assim né.

Entrevistadora: Em relação as leis da EJA tu achas que elas amparam essa modalidade de ensino?

Docente3: Essa parte eu não sei muito. Como assim?

Entrevistadora: As leis da LDB, entre outras.

Docente 3: Eu não to bem a par.

Entrevistadora: As atividades desenvolvidas em sala de aula contemplam os alunos e de que maneira?

Docente 3: Se elas contemplam?

Entrevistadora: É. As atividades que tu fazes com eles. Tu acredita que contempla eles?

Docente 3: Acredito que contemplem. Sim, né. Porque a gente procura diversificar bastante, né. Trazer coisas novas, também de cultura. Às vezes a gente não adéqua com a realidade deles, a gente deixa fugir essa parte que é muito importante. Procurando mais a realidade deles a gente consegue um retorno melhor de entendimento deles, e muitas vezes nem os livros são assim. Então a gente vai fazendo um pouquinho de tudo, adequando. Também as coisas que eles trazem no dia-a-dia. Eu procuro fazer assim.

Entrevistadora: Tu terias alguma frase ou algum slogan que tu poderia falar dessa educação. Até o momento eu só fiz perguntas, agora é o momento para ti dizer algo sobre a EJA que queiras.

Docente 3: Eu acho que isso ai só torna as pessoas melhores, acho que isso ai. Tem muitos ai, como a gente tem experiências com senhoras bem mais velhas e que tem muita dificuldade de aprender, mas ela vir para escola, tá acompanhando, vivendo, incentiva a vida dela. Se sente feliz, acho que é uma contribuição, e que a gente tem a fazer. E pra mim também é muito bom, porque a gente se gratifica com o olhar do outro assim. Acho que seria isso. Frase eu não sei.

Entrevistadora: Obrigada.

Docente 3: Oh, que nada.